

Joseph Maréchal

O Ponto de Partida da Metafísica
Lições sobre o Desenvolvimento Histórico
e Teórico do Problema do Conhecimento

Caderno I

*Da Antigüidade ao Fim da Idade Média: A Crítica Antiga do Conhecimento*¹

Capítulo I. A caminho de uma primeira crise da certeza

Dos mitos religiosos e das antigas cosmogonias poéticas surgiram, na aurora da civilização grega, as primeiras “cosmologias”. É fato que as curiosidades primitivas do espírito humano, tanto no indivíduo quanto na espécie, nada têm de precavido nem de crítico; totalmente orientadas ao “objeto”, elas mostram-se mesmo estranhamente despreocupadas com o sujeito cognoscente. A especulação nascente foi açambarcada, nos gregos como alhures, por um “objeto” único: a Natureza -- a Natureza pouco a pouco desvencilhada do véu encantador das mitologias e entregue à dissecação racional.

Essa predileção pelos problemas cosmológicos repousa, entre os iniciadores da filosofia grega, sobre um dogmatismo realista, tanto mais seguro de si quanto mais inconsciente. Em parte alguma coloca-se então em dúvida o valor absoluto da afirmação objetiva. E a afirmação mesma vem ligada a todo conteúdo de pensamento fornecido pela experiência, com a ressalva, somente, de uma certa organização desse conteúdo. A filosofia segue assim, sem demasiado esforço, a dupla tendência do espírito a afirmar e a unificar.

Durante todo o tempo em que a tendência unificadora do espírito se exerceu, episodicamente, sobre unidades parciais, os sistemas filosóficos mais díspares puderam ser esboçados sem abalar profundamente a serenidade do realismo antigo (período jônico). Mas veio um momento em que, acima das unidades secundárias, se destacou a unidade primordial ou universal do “ser”. [20]

A razão humana teve então como que um deslumbramento: sem deixar de apoiar o realismo, ela vacilou, por assim dizer. Pois o “ser” não representava, no objeto do conhecimento, tanto a multiplicidade cambiante quanto a unidade imutável? O conflito da unidade e da multiplicidade surgia no coração mesmo da

¹ Edição original: *Le Point de Départ de la Métaphysique. Leçons sur le Développement Historique et Théorique du Problème de la Connaissance. Cahier I : De l'Antiquité à la Fin du Moyen Age : La Critique Ancienne de la Connaissance*, 3^e. éd., Bruxelles, L'Édition Universelle; Paris, Desclée de Brouwer, 1944.

afirmação necessária. Acreditou-se dever deixar de lado, sacrificar algo do conteúdo do conhecimento, uns isto, outros aquilo.

Heráclito, fiel aos dados imediatos da experiência, adota a multiplicidade e o movimento, renunciando assim à unidade imutável do “ser”. Quase na mesma época, Parmênides abraça o “ser” homogêneo e imóvel, repelindo assim, para o domínio da pura aparência, todo o mutável e todo o múltiplo. E, para cúmulo, Zenão de Eléia, discípulo de Parmênides, adota por missão, dir-se-ia, aumentar ainda o desconforto da pobre razão espontânea, jogando-lhe aos olhos seus paradoxos engeguecedores sobre a irrealidade da mudança. Por toda parte, é o senso comum posto em xeque, é o desafio da razão refletida à razão espontânea.

Aliás, esse escândalo da razão era ainda agravado pela impressão nada edificante criada pela multiplicação excessiva dos sistemas cosmológicos que solicitavam, nos sentidos mais diversos, a aprovação do filósofo e do pensador. Não lhes faltava, decerto, nem engenhosidade nem ousadia. Com igual desdém pelas tradições e pelas aparências comuns, elas decompunham o mundo para reconstruí-lo em melhor ordenação. E a diversidade, tanto dos materiais analisados quanto dos edifícios sintéticos, não deixava de ser desconcertante. De Heráclito a Empédocles, de Empédocles a Anaxágoras, de Anaxágoras a Lêucipo e a Demócrito, a razão dava voltas, por assim dizer, ao acaso, sem sentir-se em parte alguma como em morada permanente. – Para compreender a invasão do pensamento grego, não obstante tão realista, por uma primeira crise da certeza, é preciso levar em conta, ao mesmo tempo, todas as circunstâncias. O terreno estava preparado para o *cepticismo*.